



ÁFRICA – AMÉRICA LATINA: O PAPEL DA ZOPACAS NO ATLÂNTICO SUL

A Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS) é uma aliança de cooperação importante para regular as atividades comerciais e, sobretudo, no âmbito da segurança marítima regional. A tecnologia desempenha um papel relevante na cooperação Sul-Sul neste âmbito, designadamente no que respeita aos sistemas de cabos submarinos.

A Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS) é uma forma de regionalismo que se serve como ponto estratégico para a segurança marítima entre os países africanos e os da América do Sul. Este regionalismo pode ser entendido de três formas principais: como uma área geográfica marítima; como uma região de intenso movimento comercial que conecta os Estados e as pessoas dos dois lados do oceano; e como uma entidade geopolítica onde a interação entre os estados costeiros e as suas ambições marítimas envolvem inevitavelmente um certo nível de conflito, necessitando da criação de alianças para a regular cooperação.

Este artigo pretende entender a relevância da ZOPACAS no contexto da segurança marítima regional e identificar os meios disponíveis para uma estratégia exequível face às ameaças existenciais

Desde a Guerra das Malvinas, em 1982, o Atlântico Sul tem um sistema de defesa articulado, embora os Estados-membros ainda tenham um trabalho significativo a fazer para melhorá-lo.

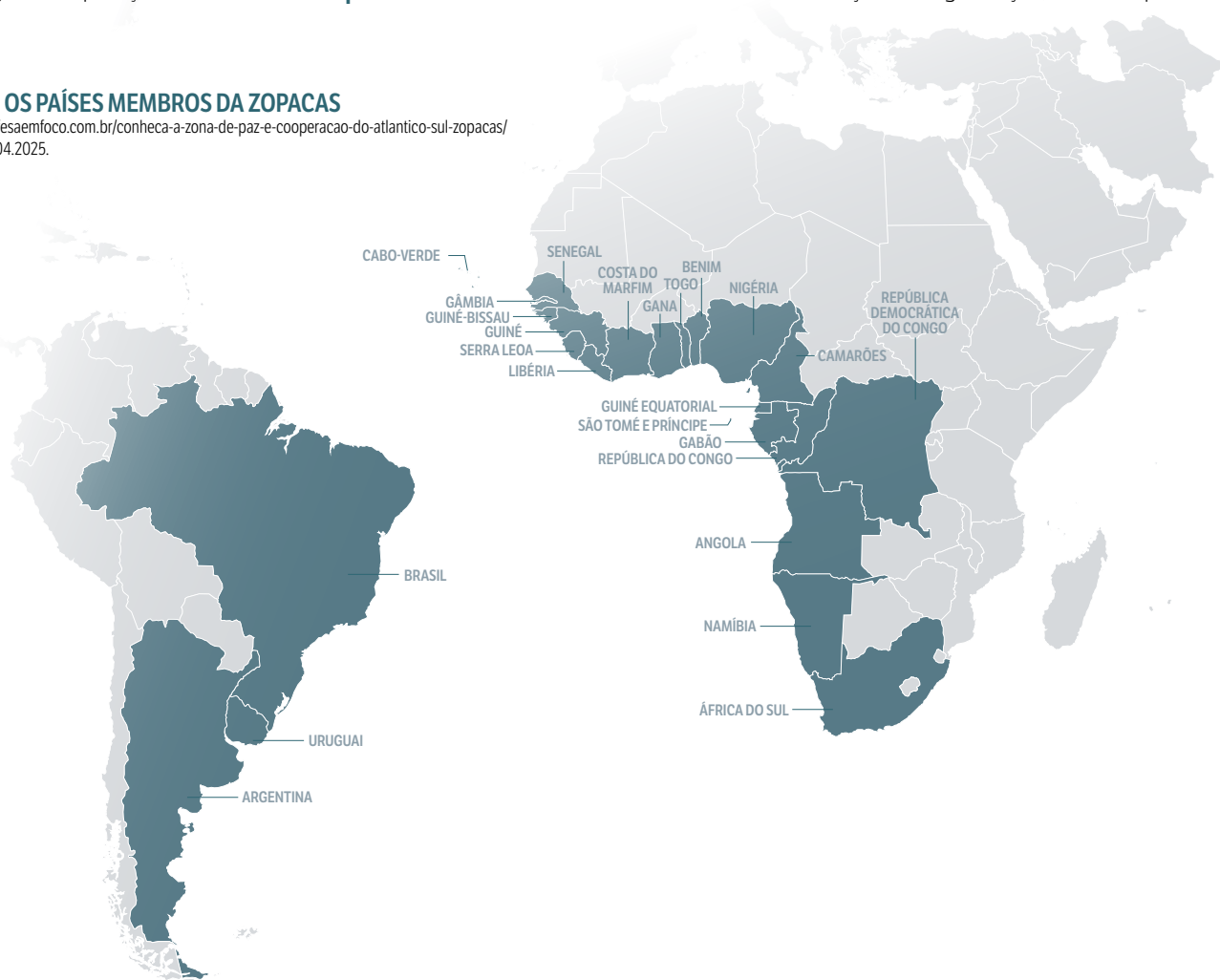
na região. As perguntas de partida da investigação foram: justifica-se a existência de um sistema de defesa comum do Atlântico Sul?; terá a ZOPACAS meios e mecanismos suficientes para garantir a sua defesa?

A ZOPACAS

A ZOPACAS foi estabelecida em 1986 através da resolução 41/11 da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), que recebeu o apoio de cento e vinte países. Os Estados-membros incluíam todos os países localizados no Atlântico Sul, exceto a Namíbia e a África do Sul sob o regime do *apartheid* na época. Angola e Brasil lideraram a iniciativa de criação da organização, movidos por

FIGURA 1. OS PAÍSES Membros DA ZOPACAS

Fonte: www.defesaemfoco.com.br/conheca-a-zona-de-paz-e-cooperacao-do-atlantico-sul-zopacas/
Acesso em 09.04.2025.





No lado da América do Sul, há um fenómeno mais preocupante: a presença excessiva de forças estrangeiras ao longo da costa, incluindo as Malvinas, as Ilhas Órcades do Sul, a Geórgia do Sul e outras pequenas ilhas.

laços culturais e interesses comuns; notavelmente, o Brasil foi o primeiro país fora de África a reconhecer a independência de Angola. Consequentemente, Luanda e Brasília colaboraram para apresentar o projeto à ONU, especialmente após a visita do ex-presidente brasileiro José Sarney a Angola nos anos 80 do século XX. A organização integra vinte e quatro países, incluindo países africanos e sul-americanos, conforme a Figura 1.

O papel da ZOPACAS no Atlântico Sul

A primeira reunião da organização foi realizada no Rio de Janeiro, Brasil, em 1988. A segunda ocorreu em Abuja, Nigéria, em 1990, contando com a Namíbia como um país recém-independente. A terceira reunião foi em Brasília, Brasil, em 1994, durante a qual a África do Sul foi admitida, livre do regime do *apartheid*. Nesta reunião, os países concordaram em comprometer-se a proibir o teste, uso, produção, aquisição, transferência, instalação ou armazenamento de quaisquer armas nucleares, bem como abster-se de iniciar, estimular ou autorizar qualquer uma dessas atividades no Atlântico Sul. A quarta reunião ocorreu em Somerset West/Cidade do Cabo em 1998, seguida pela quinta em Buenos Aires, Argentina também em 1998, e a sexta em Luanda, Angola, em 2007. A reunião de Luanda centrou-se em diversas áreas, como o fortalecimento das relações entre os Estados, levando à criação de grupos de trabalho em cooperação económica, operações de manutenção da paz, proteção ambiental e combate a atividades ilícitas transnacionais. A sétima reunião ocorreu em Montevideu, Uruguai, em 2013.

Desde a Guerra das Malvinas, em 1982, o Atlântico Sul tem um sistema de defesa articulado, embora os Estados-membros

TABELA 1. ORÇAMENTO GERAL DE DEFESA POR PAÍS (milhões USD)

Fonte: Elaboração do autor, com base no orçamento geral dos países analisados.
Nota: a cor, estão assinalados os dois países com maior orçamento no setor da defesa, no ano correspondente.

Países	2012	2015	2018	2021	2024
Angola	5,7 mil	8,25 mil	3,5 mil	900	24,6 mil
África do Sul	17,5 mil	2,6 mil	3,4 mil	2,4 mil	20,35 mil
Argentina	4,29 mil	5,9 mil	4,62 mil	3,07 mil	919,7
Brasil	34,7 mil	34,6 mil	25,26 mil	21,91 mil	24,75 mil
Nigéria	2,32 mil	2,07 mil	1,5 mil	4,47 mil	5,13 mil

TABELA 2. O POTENCIAL MARÍTIMO DA ZOPACAS

Fonte: Elaboração do autor, com base em Global Firepower Index 2024;
www.globalfirepower.com/countries-listing.php, acesso em 05.04.2025.

Países	Poder marítimo/ Força naval	Extensão marítima	Oceano
ANGOLA 6.ª Posição firepower em África 56.ª Posição Global firepower ranking	- 1.600 oficiais - 11 lanchas costeiras - 4 navios patrulha - 22 navios patrulha costeira - 11 defesa costeira - 7 patrulhas marítimas	1.650 km²	Atlântico
ÁFRICA DO SUL 4.ª Posição firepower em África 40.ª Posição Global firepower ranking	- 6.250 oficiais - 4 fragatas - 4 navios-tanque rápidos - 3 submarinos - 2 corvetas - 6 navios de patrulha costeira - 2 contramedidas de minas - 2 embarcações de desembarque - 4 patrulhas marítimas	2.798 km²	Atlântico e Índico
ARGENTINA 2.ª Posição firepower na América do Sul 33.ª Posição Global firepower ranking	- 18.401 oficiais - 1 contratorpedeiro - 2 submarinos - 9 navios costeiros	1.782 km²	Atlântico
Brasil 1.ª Posição firepower na América do Sul 11.ª Posição Global firepower ranking	- 39.600 oficiais - 1 porta-aviões - 10 fragatas - 5 corvetas - 2 contratorpedeiros - 6 varredores - 78 helicópteros armados - 25 blindados - 6 navios de desembarque - 29 navios de patrulha costeira - 5 submarinos	9.200 km²	Atlântico
Nigéria 3.ª Posição firepower em África 31.ª Posição Global firepower ranking	- 8.000 oficiais - 1 fragata - 1 corveta - 2 navios costeiros - 3 navios de combate - 1 submarino	853 km²	Atlântico

ainda tenham um trabalho significativo a fazer para melhorá-lo. A iniciativa angolana para revitalizar a ZOPACAS, em junho de 2007, na reunião de Luanda, destacou a importância de uma política comum, bem como do compromisso individual dos Estados para com a segurança da zona do Atlântico Sul. João Bernardo Miranda, antigo Ministro das Relações

Exteriores de Angola, afirmou: “Para uma cooperação tangível, é imperativo conciliar o conceito biogeográfico do Atlântico Sul com a perspectiva geoestratégica num quadro mais amplo das relações Sul-Sul”.

Todavia, no âmbito de toda a discussão sobre a defesa do Atlântico Sul, diversas questões devem ser abordadas para



compreender a lógica do sistema ZOPACAS. São necessárias respostas claras e diretas para evitar especulações:

A. A zona do Atlântico Sul é um *hotspot* para vários crimes marítimos?

A resposta é não; a região não é extremamente propensa a crimes marítimos comuns e não foram relatados muitos incidentes ao longo da costa sul. Tem havido uma ligeira tendência de pirataria, contrabando e tráfico de drogas nos últimos cinco anos em alguns Estados do Golfo da Guiné. A Nigéria ocupa o primeiro lugar na lista de ataques, com dez ataques bem-sucedidos e três tentativas frustradas no período de 2017 a 2023. O Golfo da Guiné tem colaborado com organizações regionais como a União Africana (UA), a Comunidade dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) para reforçar a segurança perimetral, produzindo resultados muito satisfatórios.

No lado da América do Sul, há um fenómeno mais preocupante: a presença excessiva de forças estrangeiras ao longo da costa, incluindo as Malvinas, as Ilhas Órcades do Sul, a Geórgia do Sul e outras pequenas ilhas, algumas das quais muito próximas da costa argentina. Estas áreas estão quase sob controle estrangeiro, utilizadas em seu benefício sem qualquer reconhecimento do governo argentino, que não tem jurisdição sobre elas. Esta situação afeta diretamente a soberania, a economia e a segurança do país, colocando em perigo os interesses nacionais e também regionais. Estas são as principais preocupações dos Estados membros da ZOPACAS, uma organização pacífica cujo objetivo principal é recuperar o controlo total da sua costa e eliminar potenciais ameaças destas áreas. Um elemento importante a destacar no lado de África, é a presença britânica na ilha de Santa Helena, que dista a 2.212 km das águas profundas d'Angola, porém, o governo angolano reclama direitos da ilha.

B. A ZOPACAS é capaz de autodefesa?

Para responder a esta questão, é crucial considerar um conjunto de fatores que determinam a capacidade da organização, começando pela sua génese, contexto histórico, relações entre os

Estados-membros, as suas responsabilidades individuais e coletivas, poder económico, laços comuns, interesses, e até que ponto interagem entre si.

Como já sabemos, esta é uma organização composta por Estados de ambos os lados do oceano que partilham interesses comuns e laços históricos, e estão culturalmente ligados, apesar de algumas discrepâncias entre eles. No lado africano, a cooperação é muito mais fácil, não só devido a fatores geográficos, mas também porque a maioria destes países pertence a organizações regionais como a UA, a SADC e a CEDEAO. Isto facilita a colaboração entre estes países no âmbito do fórum ZOPACAS. Além disso, os três países proeminentes do lado africano – Nigéria, África do Sul e Angola – desfrutam de fortes relações bilaterais cordiais.

A boa diplomacia, por si só, não é suficiente para atingir os ambiciosos objetivos da organização; o poder económico afirma-se como elemento crucial para materializar esse desiderato.

Porém, no lado sul americano, apesar da proximidade linguística, os vizinhos sul-americanos nem sempre mantiveram relações fortes em vários domínios, como o futebol, a política e a economia. Isto conduz, frequentemente, a uma ligeira rivalidade e, historicamente, estes países tomaram por vezes lados opostos. Contudo, a maturidade da sua diplomacia permite-lhes participar em espaços partilhados como o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) e a OEA (Organização dos Estados Americanos). Dado o atual contexto internacional, estes Estados reconheceram a necessidade de uma aliança para a coexistência.

Entretanto, a boa diplomacia, por si só, não é suficiente para atingir os ambiciosos objetivos da organização; o poder económico afirma-se como elemento crucial para materializar esse desiderato. Apesar dos vastos recursos marinhos disponíveis, a formação multilateral de organizações regionais como a SADC e

o MERCOSUL abrange cerca de 400 milhões de pessoas e \$1,5 biliões de USD em produção económica (PIB combinado). Vários países do Atlântico Sul, incluindo a África do Sul, o Brasil, a Nigéria, a Argentina e Angola, possuem economias capazes de potencializar liderança firme a organização, posicionando-os como principais motores do desenvolvimento regional.

Por outro lado, o poder militar é outro fator importante. A capacidade militar dos Estados-membros pode determinar a estratégia de defesa da região. As Tabelas 1 e 2 ajudam a compreender a força militar da ZOPACAS através das capacidades combinadas dos seus membros mais poderosos no setor militar. Apesar de estarem localizados em continentes diferentes, estes países cooperam a nível intercontinental com o único propósito de manter a segurança e a estabilidade no Atlântico Sul.

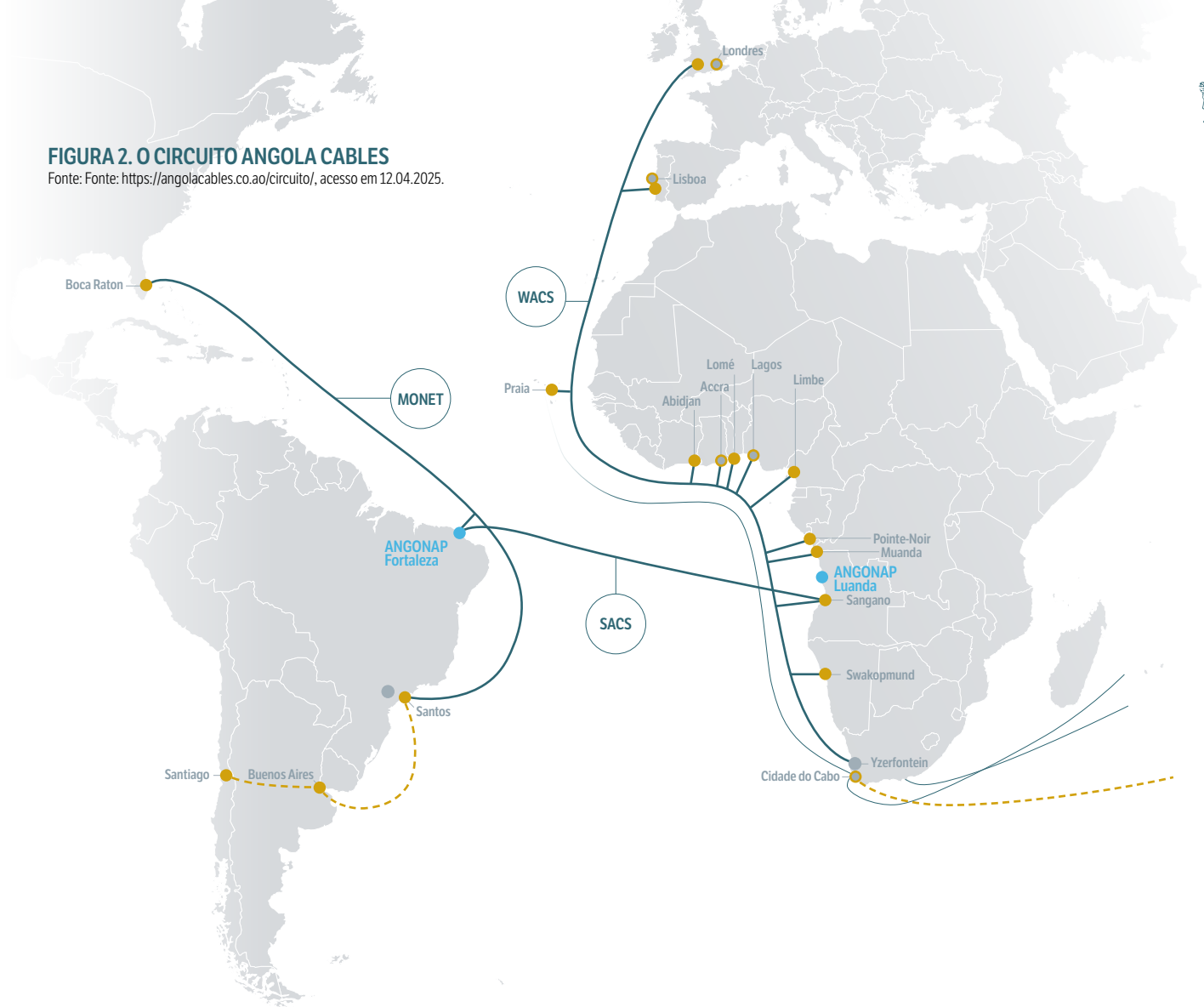
A importância da tecnologia na cooperação Sul-Sul

Entretanto, a cooperação bilateral entre alguns Estados da ZOPACAS estende-se além desta cooperação marítima. É o caso de Angola e do Brasil, que mantêm cooperação em vários setores, como o económico, o educacional, o cultural e o industrial, as telecomunicações, etc. Um dos mais notáveis projetos desta cooperação é o projeto *Angola Cables*, um projeto no sector das telecomunicações que liga as duas costas do Atlântico Sul via cabo submarino.

A *Angola Cables* é uma empresa multinacional de telecomunicações fundada em 2009, que opera no mercado grossista. O seu *core business* envolve a comercialização de capacidade em circuitos internacionais de voz e dados, através de *Submarine Cable Systems*. Atualmente, a *Angola Cables* conecta três grandes regiões: África, América do Sul e América do Norte, possui o *data centre* em Luanda (sede do centro de dados) e dois *data centres* em Fortaleza que garantem a interligação dos cabos. Esta rede de comunicação internacional conta, portanto, com três cabos submarinos no Atlântico e centros de dados instalados em Luanda e Fortaleza. Os sistemas incluem o WACS (*Western African Cable System*), que liga atualmente 11 países da região, e o SACS (*South Atlantic Cable System*), que liga África à América do Sul através do eixo

FIGURA 2. O CIRCUITO ANGOLA CABLES

Fonte: Fonte: <https://angolacables.co.ao/circuito/>, acesso em 12.04.2025.



CAIXA 1. OS SISTEMAS DE CABOS SACS, WACS E MONET

O SACS (*South Atlantic Cable System*) liga o eixo Luanda-Fortaleza, com 6.500 km², o primeiro cabo instalado no Atlântico Sul conectando África-América do Sul numa velocidade de 63 mil segundos, mais rápido que um piscar de olhos, sendo a transmissão via satélite de 360 mil segundos, e tendo o cabo uma capacidade de comunicação de 40 Tbps (terabytes por segundo).

O WACS (*West African Cable System*) é uma fibra ótica submarina que opera desde 2012 com quase 14 mil km², com 14,5 Tbps, conectando a África do Sul com 11 países do Golfo da Guiné.

O MONET é um cabo submarino que interliga o eixo Fortaleza-Miami, com 10 mil km². O cabo submarino ligará o Sul e Norte da América, com capacidade de cabos de 24 Tbps, com dois pares de fibra escura.

Luanda-Fortaleza-Miami através do cabo Monet (Caixa 1 e Figura 2). A construção do SACS e do Monet teve um orçamento de \$300 milhões de USD.

Conclusão

O Atlântico Sul é uma rota comercial intensa de ambos os lados, portanto, conclui-se que a existência de uma aliança na região é de extrema importância para regular as atividades comerciais e, sobretudo, para evitar que a região se torne rota do crime organizado e alvo de ataques estrangeiros.

O potencial económico e militar dos quatro principais Estados confere claras possibilidades de garantir maior segurança na região. Por outro lado, embora a ZOPACAS apareça na vanguarda das relações entre África e a América Latina, é importante destacar que, atualmente, as duas regiões são hoje ligadas pelo projeto *Angola Cables*, empresa pública angolana, que liga Luanda a Fortaleza através de cabos submarinos, numa extensão de 6.500 km, uma rota que também se estende até Santos – Miami e obviamente se expande para o resto da costa ocidental de África. ●

Referências

- GFP (2024). *Global Fire Power, África*. www.globalfirepower.com/countries-listing-africa.php
- GFP (2024). *Global Fire Power, América do Sul*. www.globalfirepower.com/countries-listing-south-america.php
- Governo da África do Sul (2020). *Estratégia de Defesa da África do Sul 2020 – 2025*. Pretória: Imprensa Nacional.
- Governo da Argentina (2023). *Livro Branco de Defesa de Naciona da Argentina 2023 – 2027*. Buenos Aires: Imprensa Nacional.
- Governo da Nigéria (2019). *Estratégia da Nigéria 2019 – 2023*. Abuja: Imprensa Nacional.
- Governo de Angola (2017). *Estratégia de Defesa de Angola 2017 – 2022*. Luanda: Imprensa Nacional.
- Governo do Brasil (2013). *Estratégia de Defesa do Brasil 2013 – 2017*. Brasília: Imprensa Nacional.
- José, P. A. (2024). *The African Diplomacy in XXI century: Angola's positioning in International Arena "Partners and Allies"*. London: Lambert Academy Publishing, p. 228.
- Carvalho, J. R.; Nunes, J. C. (2014). A ZOPACAS no contexto da geopolítica do Atlântico Sul: história e desafios atuais. In *Revista Perspectiva*, v.7, n. 13. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/64965>
- Pimentel, C. R. (2015). O ressurgimento da ZOPACAS e a agenda de segurança no Atlântico Sul. In *Tensões mundiais (edição temática: A defesa do Atlântico Sul)*, n. 22, p. 113–143, 2018. DOI: 10.33956/tensoesmundiais.v12i22.393. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/393> p. 31.